

ALIMENTAÇÃO: MUDANÇAS E CONTRADIÇÕES

Roberto Rodrigues*

A FIESP, através de seu Departamento de Agronegócios - DEAGRO-, acaba de consolidar uma pesquisa sobre as preferências dos brasileiros quanto à compra e consumo de alimentos, referentes ao ano passado. Os resultados desse extenso trabalho foram comparados com levantamento semelhante realizado em 2010, trazendo informações muito interessantes.

Algumas delas estão diretamente ligadas à crise econômica que afetou duramente a vida das famílias. Outras resultam de informações mais acessíveis, sobretudo na internet e na TV, ou de "modismos" conjunturais, do tipo "evitar glúten" ou "combater" alguns ingredientes e até mesmo determinados alimentos processados.

Dois fatores determinantes para a escolha dos alimentos se repetiram nas duas pesquisas: a influência da marca (que o consumidor conhece e confia) e ser um produto gostoso, saboroso. Mesmo assim, também aqui houve uma mudança: em 2010, 59% dos entrevistados colocaram a marca como o primeiro fator para escolha do alimento; e em 2017 esta porcentagem caiu para 53%: ainda é o mais importante elemento para escolha, mas com peso menor.

Mas um terceiro "driver" mudou: em 2010, buscava-se o alimento mais nutritivo, e no ano passado a preferência recaiu sobre o preço, isto é, produtos mais baratos. Este fator, que aumentou 6 pontos percentuais (p.p.) em relação à pesquisa anterior, está diretamente ligado à perda de poder aquisitivo, sobretudo em função do enorme desemprego vigente no Brasil. No entanto, apesar da mudança representada pela prevalência do preço sobre a qualidade, há uma certa contradição nas informações, quando fica evidente que os consumidores querem o melhor custo benefício, com menor preço, mas com boa qualidade. Daí a explicação para a valorização da marca.

Na mesma linha da priorização do preço sobre a condição nutritiva do alimento, diminuiu a importância da "praticidade", isto é, da facilidade de preparação da refeição: de 2010 a 2017, aumentou 8 p.p. o número de consumidores que preparam refeições em casa em vez de comprar produtos prontos para consumo. Curiosamente, este aumento foi maior entre homens (mais 15 p.p.) e solteiros (mais 17 p.p.). O número de pessoas que disseram não ter tempo para cozinhar caiu de 46% para 38%, o que também explica a redução de compras de alimentos prontos.

A racionalização do consumo foi nítida: 70% dos entrevistados mudaram os hábitos de compra e consumo por causa da crise. E 63% afirmam que manterão os novos hábitos no futuro.

O acesso às informações via internet tem muito a ver com essas mudanças. Em 2010, 40% dos entrevistados recebiam pela TV as notícias sobre alimentação e saúde; em 2017, o percentual caiu para 24%, ficando atrás da internet que assumiu aqueles 40%.

Isso teve um efeito colateral: em 2017, 50% dos consumidores buscaram alimentos com desconto ou em promoção, quando em 2010 eram 43%. E mais ainda: o número de consumidores que se consideram bem informados sobre a

importância da alimentação correta para a saúde subiu de 15% para 21% no período.

Por fim, olhando para o futuro, os brasileiros acreditam que nos próximos 10 anos dois fatores ganharão maior importância na escolha do alimento: a marca (associada à qualidade) e a saudabilidade, ou seja, há confiança de que a crise vai passar...

Apesar de boatos e "fakes" que mexem com o imaginário da população, a pesquisa trouxe outros temas de grande valor. Por exemplo, 2/3 dos entrevistados acreditam que a indústria de alimentos é a principal responsável por garantir a qualidade de sua produção e 58% acham que a ciência permitirá no futuro que alguns alimentos substituam medicamentos.

Ah, e uma curiosidade: 2/3 dos consumidores acham que a aparência pessoal é muito importante, e 3/4 se preocupam em manter boa a forma. Mas 70% não realizam atividade física e grande parte desses se acha acima do peso. Faltaria atitude?

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terceiras segundas-feiras do mês**

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getulio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terças segundas-feiras do mês**